



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA



MAYARA TEODORO DE OLIVEIRA

**FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÕES
SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**Dourados - MS
2023**

MAYARA TEODORO DE OLIVEIRA

**FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÕES
SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física, sob a orientação da Profa. Dra. Cássia Cristina Furlan.

**Dourados - MS
2023**

MAYARA TEODORO DE OLIVEIRA

FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física -
Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados.

Data da defesa: 21 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 CASSIA CRISTINA FURLAN
Data: 08/03/2024 16:11:02-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Prof. Dra. Cássia Cristina Furlan (Orientador/a) – UFGD

marcelo José taques
Prof. Dr. Marcelo José Taques – UFGD

FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

RESUMO

Vivemos num período de estreita convivência entre as diferenças, mas ainda são perceptíveis discriminações, preconceitos e até mesmo crimes de ódio na sociedade. O ambiente escolar ainda reafirma desigualdades ao negar a legitimidade de discussões e conteúdos sobre gênero e sexualidade. E a Educação Física (EF) corrobora para a diferenciação dos gêneros quando, na sua prática, não possibilita formas de mudanças. Nesse contexto, a proposta do estudo é investigar as percepções e significados atribuídos aos debates de gênero e sexualidade por acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Educação Física, refletindo sobre a percepção dos graduandos quanto ao papel da EF. Este estudo é pesquisa qualitativa do tipo descritiva, que buscou analisar, classificar e interpretar o ponto de vista dos estudantes a respeito da temática gênero e sexualidade no ambiente educacional. As respostas obtidas mostraram que ainda existe certa confusão sobre termos e uma interpretação rasa sobre a diversidade. Evidenciou-se que a EF permanece num ciclo vicioso onde a cultura enraizada interfere na forma como os graduandos se relacionam com as discussões que lhe são apresentados. Por isso, os currículos universitários precisam conter disciplinas específicas, com conteúdos que permitam (re)significar gênero, sexualidade e demais temas da diversidade.

Palavras-chave: Licenciatura; Educação Física; Gênero; Sexualidade; Formação.

TEACHER TRAINING IN PHYSICAL EDUCATION: PERCEPTIONS ABOUT GENDER AND SEXUALITY

ABSTRACT

We live in a period of close coexistence between differences, but discriminations, prejudices, and even hate crimes are still noticeable in society. The school environment still reinforces inequalities by denying the legitimacy of discussions and content about gender and sexuality. Physical education also contributes to the differentiation of genders when, in its practice, it does not allow for changes. In this context, the study's proposal is to investigate the perceptions and meanings attributed to gender and sexuality debates by students of the Physical Education Teaching degree, reflecting on the undergraduates' perception of the role of physical education. This study is a qualitative descriptive research that sought to analyze, classify, and interpret the students' point of view regarding the gender and sexuality theme in the educational environment. The responses obtained showed that there is still some confusion about terms and a shallow interpretation of diversity. It was evident that physical education remains in a vicious cycle where ingrained culture interferes with how students engage with the discussions presented to them. Therefore, university curricula need to include specific disciplines with content that allows for (re)signifying gender, sexuality, and other diversity themes.

Keywords: Teaching degree; Physical Education; Gender; Sexuality; Training;

LA FORMACIÓN DOCENTE EN EDUCACIÓN FÍSICA: PERCEPCIONES SOBRE GÉNERO Y SEXUALIDAD

RESUMEN

Vivimos en un período de estrecha convivencia entre las diferencias, pero todavía son perceptibles las discriminaciones, los prejuicios e incluso los crímenes de odio en la sociedad. El entorno escolar aún refuerza las desigualdades al negar la legitimidad de las discusiones y contenidos sobre género y sexualidad. La educación física también contribuye a la diferenciación de los géneros cuando, en su práctica, no permite cambios. En este contexto, la propuesta del estudio es investigar las percepciones y significados atribuidos a los debates de género y sexualidad por estudiantes del curso de Licenciatura en Educación Física, reflexionando sobre la percepción de los estudiantes sobre el papel de la EF. Este estudio es una investigación cualitativa de tipo descriptiva, que buscó analizar, clasificar e interpretar el punto de vista de los estudiantes sobre el tema del género y la sexualidad en el entorno educativo. Las respuestas obtenidas mostraron que todavía existe cierta confusión sobre los términos y una interpretación superficial de la diversidad. Se evidenció que la EF permanece en un ciclo vicioso donde la cultura arraigada interfiere en la forma en que los estudiantes se relacionan con las discusiones que se les presentan. Por lo tanto, los planes de estudio universitarios deben incluir disciplinas específicas con contenidos que permitan (re)significar el género, la sexualidad y otros temas de diversidad.

Palabras clave: Licenciatura; Educación Física; Género; Sexualidad; Formación;

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é um período de mudanças que direcionam para uma convivência estreita entre as diferenças. No entanto, quando se trata de questões relacionadas a gênero e sexualidade, ainda são evidenciadas inúmeras discriminações e preconceitos que se multiplicam e são incorporados à sociedade.

O ambiente escolar contribui para reafirmar essas distinções e desigualdades quando nega a legitimidade de discussões sobre gênero e sexualidade dentro de suas disciplinas e conteúdo de ensino. A educação física, com uma carga histórica saturada de preconceitos e discriminações, corrobora para a diferenciação dos gêneros quando, na sua prática, não possibilita formas de mudanças na realidade imposta historicamente.

Nesse contexto, este estudo se propõe a refletir sobre a dimensão educativa e de socialização da Educação Física, voltando o olhar para as práticas corporais e esportivas, sobretudo quando se referem às questões de gênero, sexualidade e suas interseccionalidades. Para tanto, essa pesquisa objetiva investigar percepções e significados atribuídos aos debates de gênero e sexualidade por acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Educação Física.

Para atingir este objetivo se fez necessário (i) identificar as interpretações conferidas aos termos que fazem parte da cultura da diversidade (gênero e sexualidade) por

acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Educação Física; (ii) refletir sobre as formas que Licenciandos em Educação Física percebem os debates sobre gênero e sexualidade na educação básica e na sua formação; (iii) analisar a percepção dos graduandos sobre o papel da Educação Física em relação às questões de gênero e sexualidade.

Para alcançar os objetivos propostos foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, onde buscou-se analisar, classificar e interpretar, os registros de respostas que contém o ponto de vista, sem qualquer tipo de interferência(Andrade, 2010), dos estudantes de licenciatura em Educação Física a respeito da temática gênero e sexualidade no ambiente educacional, tanto na educação básica quanto na sua formação no ensino superior. Os dados foram coletados por meio de um questionário online no ano de 2022 e sua tabulação, análise e descrição foram realizadas no software Excel for Windows® versão 2010. Contou-se com uma amostra composta por 52 alunos(as) ou egressos de cursos de licenciatura em Educação Física, que estão caracterizados no quadro 01.

Quadro 01 : Informação Inicial da população amostral

Gênero	Média de Idade	Classe social	Cor/Raça/Etnia	Estado Civil	Religião
65,4% Homens 34,6% Mulheres	≥ 25 anos	15% Classe baixa 39% Média 37% Média Baixa 10% Pobre	48% Branca 2% Indígena Terena 10% Preto/Negro 40% Parda	29% Casado(a) 2% Namorando 2% Noivo(a) 65% Solteiro (a) 2% União Estável	13% Agnóstico 19% Ateu 21% Católico(a) 31% Cristão 4% Espírita 8% Evangélica 2% Indeterminada 2% Umbandista
Estado que reside	Nº de pessoas que residem na mesma moradia	Trabalho	Sexualidade	Curso	Ano do curso
2% MT 75% MS 2% PR 19% SP 2% SC	2% - 1 pessoa 42% - 2 pessoas 27% - 3 pessoas 8% - 4 pessoas 2% - 5 pessoas 2% - 6 pessoas	19% Autônomo 6% Bolsista 6% Estudante 69% Trabalha/CLT	2% Saudável 6% Bem resolvida 10% Bissexual 10% Homossexual 73% Heterossexual	42% E.F - UFGD 33% E.F - UFMS 2% E.F - UFMT 19% EFE - USP 2% M.Sc. EF - UEM 2% M.Sc Educação - UFGD	19% - 1º ano 12% - 2º ano 35% - 3º ano 21% - 4º ano 6% - 5º ano 8% - Egresso

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

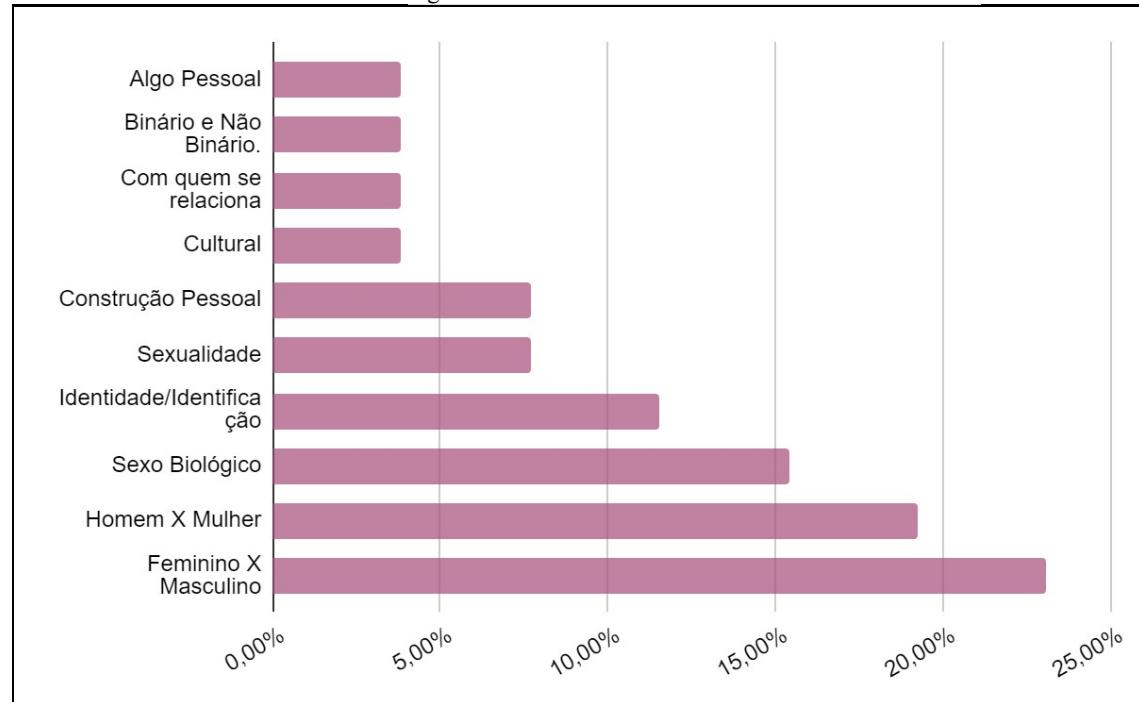
A partir dessa introdução as próximas seções trarão os conceitos centrais a serem discutidos na fala dos respondentes, já amparados pela teoria e discutidos a partir das reflexões da autora. São eles: (i) o conceito de gênero; (ii) entendimento sobre sexualidade; (iii) necessidade de disciplinas que discutam gênero e sexualidade; (iv) o desafio de abordar gênero e sexualidade na escola; (i) papel da educação física em relação às questões de gênero e sexualidade.

O CONCEITO DE GÊNERO

Inicialmente cabe mencionar que gênero trata da identificação do indivíduo (identidade de gênero), comumente associada ao bináriomasculino ou feminino. No entanto, pretende-se aqui perceber o gênero para além do referente binário (não o desconsiderando como uma de suas possibilidades), mas pensando-o como algo que pode ser indeterminado, flutuante na linha entre os polos feminino e masculino e que até mesmo abandona essa linha, que traz uma infinidade de possibilidades entre gêneros não-binários, pertencentes a pessoas que não se enquadram no gênero determinado a elas no nascimento, ou antes dele, permeando diferentes possibilidades, como formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações (Louro, 1997; Reis; Pinho, 2016; Butler, 2003).

Por isso, considerou ser pertinente questionar os/as discentes de cursos de licenciatura em Educação Física sobre “*qual significado eles/as atribuem ao conceito de gênero*” e suas respostas estão compiladas no gráfico 1 apresentado abaixo.

Gráfico 1: Entendimento do conceito de gênero



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Observando o gráfico percebe-se que 58% dos respondentes relacionam o gênero a questão binária associada ao sexo biológico, trazendo definições ligadas a identificação de masculino e feminino ou homem e mulher. Como mencionado por Luana de 22 anos:

“Gênero para mim é uma construção cultural, uma forma que o sujeito desenvolveu de tornar social comportamentos e existências que são definidas a partir do órgão sexual que cada um possui biologicamente”.

Ao mesmo tempo, 12% mostram uma confusão com o termo sexualidade que está mais voltada para relacionamentos sexuais e/ou românticos como as seguintes respostas: “*Gênero pra mim é o que define se eu gosto de alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto*” (Livia, 25 anos). E os 30% restantes se posicionam num contexto mais amplo e livre, correlato a identificação, construção e não binariedade, possível ao indivíduo: “*Gênero é algo pessoal, cada pessoa tem, ou deveria ter, liberdade para ser do jeito que quiser*” (Bruna, 32 anos); “*É uma construção pessoal relacionada ao pertencimento a categorias ou ser mais livre quanto a sua identidade*” (Miguel, 26 anos); “*É a liberdade de expressão pessoal que dá significado a identidade de cada pessoa*” (Anderson, 21 anos).

Sabendo que o conceito de gênero já foi estudado e teorizado sob diversos prismas como: interação, experiência pessoal e identidade; sistema simbólico e discursivo; estrutura social e institucional (Stellmann, 2007), fica mais compreensível a variedade de formas de se entender o conceito advinda dos respondentes, que mostram diferentes facetas de gênero e formas de caracterizá-lo.

Aparentemente até mesmo nos bancos universitários ainda se faz necessário ampliar discussões sobre esses temas, provavelmente porque, como menciona Foucault (2013), existe na sociedade a produção de um discurso que é resultado de relações de poder já impregnados, internalizados e aceitos como verdadeiros sem questionamentos e mesmo estando numa sociedade diversificada ainda há muitos tabus que, nos mais variados ambientes, geram desconforto no convívio e no tratamento com o outro.

ENTENDIMENTO SOBRE SEXUALIDADE

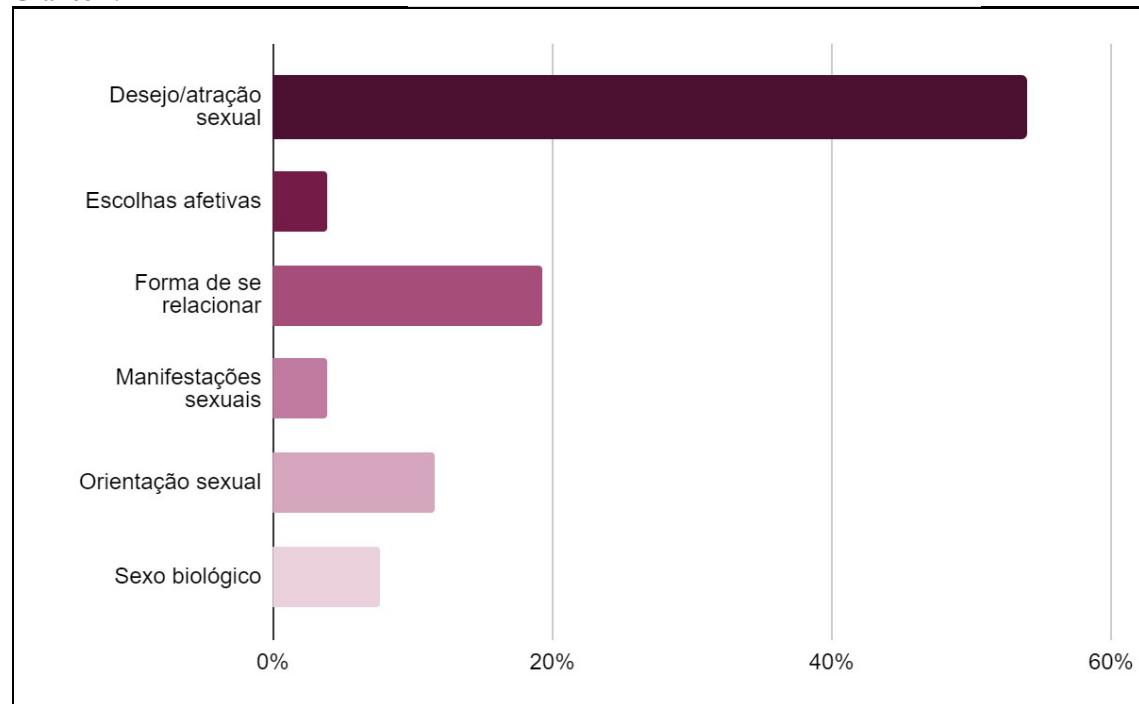
Tratando da sexualidade partimos do seu entendimento como orientação sexual ou identidade afetivo-sexual do indivíduo, a maneira pela qual são expressos os sentimentos afetivos e sexuais uns pelos outros, sendo representada, por exemplo, pela heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, panssexualidade e assexualidade (Souza; Meglhiortti, 2017). Também é pertinente ter claro, que assim como na questão do gênero, na sexualidade as identidades também são construídas e estão continuamente se transformando, envolvidas pelas relações sociais e atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas (Louro, 1997).

Diferente da confusão quanto ao conceito de gênero, de forma geral, os respondentes têm uma interpretação mais clara sobre o que é sexualidade ainda que existam divergências na forma de enxergá-la, onde alguns percebem suas manifestações voltadas para aspectos emocionais e outros partem para uma caracterização mais racional.

Ricardo, 26 anos, aborda a ideia de sexualidade a partir da percepção da “[...] forma como a pessoa se relaciona[...]” ele também tenta fugir da determinação impositiva quanto a ela mostrando a possibilidade de desvios “[...] pode ser hétero, bi, homossexual ou não ter uma sexualidade definida, porque a sexualidade é uma coisa fluida e muitas vezes não tem como se definir”.

Enquanto outros abordam mais a questão emocional e as escolhas das pessoas com quais quer se relacionar afetivamente: “Sexualidade diferente de gênero são escolhas, sua escolha sobre seus relacionamentos independem de gênero, e sim do que vc se sente e acredita que seja sua condição” (Fred, 22 anos); “Escolhas afetivas , física e emocionalmente” (Lucas, 22 anos); e “A escolha de com quem você deseja se relacionar” (Kleber, 28 anos).

Gráfico 2: Entendimento do conceito de sexualidade



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Observando as respostas e o gráfico 2, efetiva-se a percepção de uma definição mais bem formada quanto a concepção de sexualidade, mostrando que apenas 8% a compreendem a partir do sexo biológico, como Gloria, 29 e Mauro 23, respectivamente “Sexualidade são as

minhas características físicas" e "*aquilo que é determinado biologicamente*" que não refletem sobre questões pertinentes, no que concerne a identidade, construção e possibilidade de transformação da sexualidade.

Acerca da sexualidade, a Organização Mundial da Saúde - OMS (2006) conceituou o termo como:

[...] um aspecto central do ser humano ao longo da vida [que] abrange sexo, identidades e papéis de género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais.

Nessa direção, compreende-se a sexualidade de maneira abrangente. Percebe-se que os respondentes comprehendem parcialmente o significado de sexualidade, mas aparentemente nenhuma das pessoas parece enxergar toda a variedade de sentidos que ela traz para si e para a sociedade como um todo.

NECESSIDADE DE DISCIPLINAS QUE DISCUTAM GÊNERO E SEXUALIDADE

Perante a urgência em formar professores/as capazes de respeitar a diversidade e a multiplicidade de gêneros e sexualidades a omissão do tema diversidade sexual e de gênero nos currículos de cursos de licenciaturas pode ser considerada uma forma oculta de homofobia e cumplicidade dos/as educadores/as com a violência contra os sujeitos com identidades de gênero e sexualidade fora dos padrões normativos (Dinis, 2011; Alves; Silva, 2016).

Os/as próprios/as graduandos/as quando questionados sobre a importância de serem abordados temas relacionados a questões de gênero e sexualidade na graduação mencionam que "[...] é muito importante para nós futuros professores entendermos aquilo que vamos lidar (pré-conceito, discriminação) na escola dia-a-dia, precisamos entender e ensinar os movimentos e lutas que estão acontecendo. (A escola) é o espaço (que poderemos) ensinar e (quem sabe) corrigir pensamentos que já são ultrapassados e precisam acabar" (DANILO, 21 anos).

Até porque, a falta de conhecimento sobre as temáticas relacionadas a gênero e sexualidade impacta significativamente na formação dos/as licenciandos/as, de forma

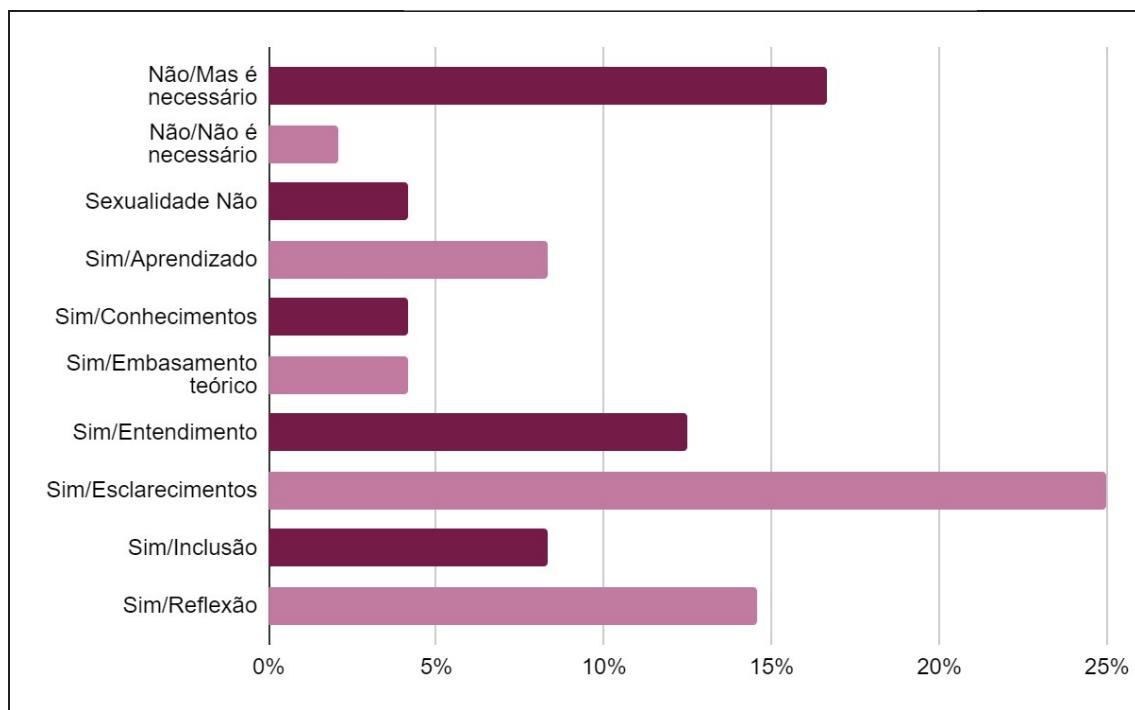
negativa, gerando certa falta de sensibilidade desses futuros docentes sobre como tais aspectos podem influenciar os processos de exclusão nas aulas de EF, bem como não lhes fornece ferramentas para atuarem de forma crítica e reflexiva nas aulas de Educação Física escolar, colaborando para a naturalização das desigualdades (Araújo; Devide, 2019).

Assim, com o intuito de entender a percepção dos alunos quanto a necessidade e/ou importância de cursar disciplinas que trazem a diversidade de gênero e sexualidade em suas ementas fez-se um questionamento sobre suas experiências curriculares nos cursos de Licenciatura em Educação Física. O que levou à constatação de que 77% dos/as alunos/as (ver Gráfico 3) já tiveram esses temas como base de discussão em alguma disciplina, por mais que não fizesse parte da bibliografia básica da mesma.

Comenta-se: “*[...] até mesmo disciplinas que não tinham essa temática como principal, deram espaço a tais discussões, [...] (visto que) a Educação Física é ampla e não deve se limitar a apenas discussões esportivistas*” (Fred, 22 anos). Mas qual será a forma como esse assunto foi colocado em pauta? Apenas discutindo sobre diversidade? Apontando os problemas que o preconceito traz para quem sofre e para a sociedade? Pensando a escola e a necessidade de pertencimento de todos/as? Pensando a EF e inserção de práticas inclusivas e/ou mistas?

Um estudo de Duarte, Castro e Nascimento, do ano de 2021, que objetivou apresentar e discutir as percepções de alguns professores da educação básica, com destaque para a área de Educação Física, e alunos(as) (jovens e adolescentes) envolvidos em um projeto que tematizou gênero e sexualidade na escola, constataram que os professores pouco haviam abordado as temáticas em sala de aula. Alguns docentes dizem entrar nesse assunto quando o tema vem à tona ou em projetos interdisciplinares. Os/as alunos/as, por sua vez, relataram diversas situações conflitantes no cotidiano da escola, mas dizem respeitar as diversidades. No entanto, ficou evidenciado que os temas gênero e sexualidade continuam sendo pouco explorados. Araújo e Devide num estudo publicado no ano de 2019, também chegaram a um resultado semelhante concluindo que estas temáticas estão marginalizadas na formação superior em Educação Física, o que acaba contribuindo para o despreparo da abordagem das relações de gênero pelos docentes na escola e dificulta o combate aos estereótipos, preconceitos e práticas de exclusão por gênero e sexualidade.

Gráfico 3: Disciplinas sobre gênero e sexualidade e sua relevância



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Por isso, levando em consideração a amplitude da área da Educação Física, refletir sobre gênero e sexualidade nos bancos universitários é abrir as portas para essa mesma discussão na escola, que se caracteriza como uma prática possível e urgente, por ser de alta demanda na contemporaneidade para formação cultural dos/as alunos/as, sobretudo na realidade brasileira, o país que, segundo Mendes e Silva (2020) mais registra crimes letais contra a população LGBT no mundo. Nessa direção, demonstra-se a necessidade destes assuntos serem abordados com maior ênfase e, sempre que possível, relacionado a realidade social dos estudantes (Duarte et al.; 2021).

O DESAFIO DE ABORDAR GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

A escola tem sido percebida como espaço privilegiado para o debate sobre questões de gênero, sexualidade e diversidade, por ser um ambiente relacional singular, uma espécie de arena cultural na qual entram em confronto diferentes sujeitos e distintos modos de significação do mundo, capaz de proporcionar uma mudança de valores para o reconhecimento da diversidade como positiva e não como base para a reprodução das desigualdades (Nielsson; Bronzatto, 2017).

Nesse contexto, outra pergunta realizada na pesquisa trata da possibilidade de ser levantada a temática da diversidade de gênero e sexualidade na escola perante alguma situação que aconteça entre os/as alunos/as, com a intenção de saber se isso pode ser considerado um desafio e como seria possível lidar com tais circunstâncias. 100% dos respondentes acreditam que acabarão passando por conflitos sobre esse tema e que consequentemente terão que intervir.

Ana Maria, 25 anos e Kleber, 28 anos, respectivamente, declaram que “*certamente e será um desafio* (lidar com situações, em sala de aula, que envolvam questões relacionadas à gênero e sexualidade) *pois qualquer situação hipotética que foi vista* (no curso de graduação) *será diferente do caso real, [...] cada situação é única e cada pessoa tem suas particularidades. Mas, os estudos e a experiência certamente irão ser de grande valia para esse momento ser tratado da melhor forma possível*”. A situação em si não é uma adversidade “[...] a dificuldade será achar a abordagem certa para empregar o assunto, pois as turmas serão diferentes umas das outras. Tratamento igualitário e acolhimento, acredito que sejam uma maneira eficiente para começar”.

Pode-se dizer então que, no que diz respeito ao desafio de abordar gênero e sexualidade na escola, seria função genérica do/a professor/a contribuir para que o espaço escolar consiga refletir sobre tais questões tendo como característica principal o respeito à diversidade sexual (e quaisquer outras diversidades) e a luta contra a discriminação (Oliveira; Urban, 2018).

Isabeli, 24 anos, também refletiu sobre essa questão e declarou: “[...] *Essas situações acontecem de forma muito presente na educação física escolar, porque o gênero está em tudo, no movimento, na linguagem corporal, na cultura. Volta e meia essas discussões vão aparecer, cabe a nós professores enfrentar esse desafio, porque vivemos em uma sociedade patriarcal e performativa*”.

Gênero e sexualidade vem sendo considerados pauta urgente para o currículo escolar e evidenciam algumas questões que podem/precisam ser pensadas: Essa/esse temática/contexto ainda deveria ser um desafio? Porque os futuros professores ainda se sentem inseguros para

abordar o tema? A vulnerabilidade que circunda tal assunto está relacionada ao fato de ser algo delicado e pessoal ou apenas por não ter domínio suficiente para abordar tais questões?

Infelizmente, a discussão em torno da sexualidade humana ainda é rodeada de tabus e desafios quando o assunto se torna pauta a ser discutido em sala de aula ao mesmo tempo é indispensável para a desconstrução e superação de estereótipos e preconceitos que ao longo da convivência social seguem gerando desigualdades (Nascimento, 2017).

Schindhelm (2020) acredita que pensar nesses temas ainda carece de muita reflexão e estudos. Reflexão no sentido de desmistificar os (des)conhecimentos e os (pre)conceitos sexuais experienciados na função docente. E estudo a fim de desconstruir algumas hierarquias incorporadas irrefletidamente no cotidiano, pensando nas relações vividas, reproduzidas e recriadas acerca das masculinidades e das feminilidades. Cabe a escola se posicionar enquanto local de formação, servindo como palco para que seus atores sociais, crianças e educadores, eduquem e sejam educados desconstruindo verdades, num exercício contínuo de abertura de espaços para a construção de novas concepções (Schindhelm, 2020).

Livia, 25 anos, também contribui corroborando com a fala dos demais respondentes e já retratando a necessidade da escola estar consciente da importância de tratar tal tema tendo ele presente em sua missão e planos pedagógicos, pois ela enquanto professora, aparentemente, se sente bem segura para trazer essa pauta para suas aulas: “*como professor em algum momento teremos que lidar com algumas situações sobre sexualidade, principalmente na adolescência. [...] sobre ser um desafio acredito que depende da proposta pedagógica da escola e de como ela lida com essas situações, depende do contexto em que a escola vai estar inserida. Mas se for pra falar em sexualidade existem diversos meios que não afetam a crença nem o processo educacional*”.

Pensando essa questão da proposta pedagógica da escola, é possível enxergar que o problema transcende a escola. Isso pois, como observa Franco-Assis, *et al.* (2021), desde que o Tema Transversal Orientação Sexual surgiu, apropriadamente, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) houve significativa ampliação do debate sobre sexualidade e educação sexual vislumbrando a possibilidade de trabalhar sexualidade e gênero na escola de forma ampla em todos os ambientes, disciplinas, espaços e projetos. Mas a última BNCC (2017) - Base Nacional Comum Curricular - mostrou um retrocesso voltando a se referir a sexualidade somente em seu aspecto biológico, fixando-a na seção de Ciências da Natureza, no componente curricular Ciências e desaparecendo das demais áreas do conhecimento (Franco-Assis *et al.*; 2021).

Este assunto acaba deixando questionamentos que ainda não se consegue responder: Como os temas relacionados à diversidade sexual podem deixar de ser desafiadores se eles ainda são culturalmente considerados tabus? Quando o Estado vai perceber a necessidade de desmistificar a orientação sexual para que ela deixe de ser motivo de descriminação e crimes de ódio? Parece que o problema está para muito além dos respondentes, por mais que estes temas sejam abordados nos bancos universitários eles continuam invisibilizados no ensino básico.

PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Pensargênero e sexualidade na educação física diz respeitoa constituição de corpos e experiências corporais para além da noção da estrutura físicacomo uma dimensão exclusivamente biológica, mas ainda são perceptíveis restrições na participação efetiva das meninas e das pessoas homo e/ou transsexuais nas aulas no contexto escolar e/ou na diferenciação de atividades voltadas à meninos e meninas, carregadas de estereótipos (Goellner, 2003; Poloni; Furlan, 2022).

Mas, como despertar o interesse nesses profissionais de pensarem e praticarem ações voltadas para a igualdade de oportunidades, independente de gênero, sexualidade e/ou orientação sexual visto que ainda há uma certa noção aligeirada e limitada de que o/a professor/a de EF é um profissional altamente técnico voltado para o desempenho e avesso a reflexão sobre temas que divirjam da área esportiva.

Cabe salientar que a formação docente em Educação Física foi construída em berços militares e por mais que se veja a busca pela construção da identidade do professor de EF como um intelectual crítico e reflexivo ainda é emergente a necessidade de (re)construção de traços identitários na Educação Física, vislumbrando o processo de redemocratização das ideias pedagógicas (Abreu, *et al.*; 2019). Certamente, a presença desse professor crítico e reflexivo na área da Educação Física escolar vai fazer com que ele pense em formas de contribuir para uma melhor vivência dos seus alunos no chão de quadra que possa ser externalizado para além desse espaço.

Ribeiro *et al.* (2021) perceberam que as professoras se preocupam mais com estas temáticas, provavelmente, devido às suas experiências como alunas, enquanto os professores não mostram grande interesse em pensar na superação deste problema. De forma geral, os professores se mostram resistentes em relação a metodologia de aulas mistas, esquecendo

que: “todos têm direito à educação igualmente” e precisam desfrutar de todos os momentos e movimentos praticados nas aulas (Ribeiro, *et al.*; 2021).

Mateus (47 anos), assim como outros alunos respondentes da pesquisa reduzem o papel da Educação Física a função de contribuir com esclarecimentos e orientação, não fugindo da área esportiva ou do movimento: “*O papel do curso [...] deve se limitar à orientação e aos esclarecimentos à sociedade sempre tendo como foco o objeto da disciplina que é a promoção, mediante a atividade física, do bem estar das pessoas, bem como, também, se for o caso, da melhora do desempenho atlético dos interessados*”. Não há um pensamento de que a EF pode trazer benefícios no que diz respeito a desconstrução desse tabu, com atividades práticas, demonstrando acreditar que ela não pode apenas ser conivente, mas, não precisa mudar sua forma de atuar.

Glória (29 anos), por sua vez, acredita que a Educação Física já possui forte representatividade nesse cenário e quando questionada sobre qual deveria ser o papel do curso reforça: “*O papel que ela já possui, da disciplina que une todas as pessoas sem nenhuma discriminação, [...] permite cada um ser o que quer ser!*”. Téo, 24 anos, também acredita que a Educação Física enquanto disciplina do ensino básico deve: “*Incluir, sempre que possível, todos os gêneros e sexualidades nas atividades, por exemplo, estudando esportistas famosos de gêneros e sexualidades diferentes*”.

Glória e Téo já pensam em uma abordagem mais prática e a necessidade de inclusão. Assim como Duarte, *et al.*; (2021) há a percepção de que abordar sexualidade numa disciplina que trabalha o corpo e a cultura corporal do movimento independe das determinações curriculares, acabará acontecendo visto que o corpo não é e nunca será neutro, ele é atravessado por diferentes questões para além da biologia, temáticas de ordem social e cultural que independente da vontade do professor vão acabar interferindo e dialogando com suas aulas, conteúdos, posições e posicionamentos enquanto mentor e como pessoa. Dessa forma, entender as contribuições dos Estudos de Gênero é perceber o corpo como um construto biológico, social e cultural, de maneira interligada, evitando a fragmentação e uma classificação fixa/reducionista. Tudo isso traz a crença de que na atualidade, tornou-se papel do professor despertar enfrentamentos, fazer os/as estudantes “caírem na real”, de modo que suas identidades sejam forjadas numa relação constante de oposição entre prazer e realidade (Duarte, *et al.*; 2021).

Souza, *et al.*; (2021) corroboram com essa ideia em estudo que objetiva discutir a sexualidade e o gênero como temas transversais nas aulas de Educação Física, partindo do pressuposto que a EF possui relação direta com o tema sexualidade e a discussão de gênero na

escola, isto pois, esses temas não estão presentes em componentes curriculares exclusivos e acabam adentrando os currículos através de conteúdos transversais. Assim, é concedido à Educação Física papel fundamental, com a função de trabalhar a criticidade e a formação humana mediante a cultura corporal de movimento, e prioritariamente o desenvolvimento da autonomia do pensar e agir. Se tornando responsável por desenvolver um trabalho voltado à construção da consciência corporal, criticidade acerca do corpo na sociedade, e contribuindo para que os discentes se percebam enquanto sujeitos na sociedade; a fim de que tomem suas próprias decisões e tenham liberdade frente a seu corpo (Souza et al.; 2021).

Mas, se faz necessário entender que pensar a EF e sua relação com as questões de gênero e sexualidade não se refere apenas ao ensino básico, mas também ao superior que é onde estão sendo formados os professores que terão que trabalhar essa dimensão em sala de aula no seu futuro profissional. Os graduandos precisam sair da universidade sabendo minimamente abordar tais conceitos e discutir com propriedade sobre eles, além de conseguir pensar formas de inseri-los nas práticas a partir da concepção de que a EF é para todas as pessoas.

Assim dizendo, a EF apresenta aos seus alunos um mundo de possibilidades no que diz respeito a cultura corporal do movimento, sobre as possíveis práticas, formas de interagir, conviver, competir, cooperar e precisa conseguir dar voz àquelas pessoas que são silenciadas, fazer com que elas sejam abraçadas e assumam um acervo de movimentos e representações possíveis dentro da sociedade se tornando parte integrante da mesma e não a sua margem, onde muitas delas ainda estão deixadas nos dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja possível dizer que a sociedade contemporânea passou e continua transitando em meio a muitas “evoluções”, contrariamente, tabus e preconceitos em relação à sexualidade e outras questões referentes à diversidade continuam a existir. Esse preconceito deriva de diferenças não compreendidas e/ou não respeitadas. Muitas vezes acabam sendo pautadas por valores morais que alguns extremistas acabam externalizando de formas desrespeitosas e até mesmo criminosas. No entanto, é determinante reconhecer que as manifestações da sexualidade, por mais “desviantes” que possam parecer, traduzem uma criação particular e única de cada sujeito e só dizem respeito a ele (Ceccarelli, 2000). Então, porque ainda se continua evidenciando inúmeras discriminações e preconceitos se

multiplicando no convívio social? Às vezes por já estarem entranhados na sociedade e sua reprodução continua fazendo eles serem (re)incorporados na sociedade a cada dia.

Assim como a sociedade, e por fazer parte dela, a EF ainda se encontra num ciclo vicioso onde as vivências sociais e a formação básica interferem fortemente na constituição do indivíduo e por consequência na forma como os alunos, durante a graduação, vão se relacionar com os novos saberes e discussões que lhe serão apresentados.

Por isso, cada dia mais os currículos universitários devem conter, não apenas de forma interdisciplinar, mas também disciplinas específicas, com conteúdos que permitam (re)significar gênero, sexualidade e demais temas da diversidade para assim reconstruir também o ensino básico, considerando que os licenciandos de hoje estarão formando novos indivíduos amanhã nas escolas do ensino básico.

Sabendo que este estudo se propôs a refletir sobre a dimensão educativa e de socialização da Educação Física, voltando o olhar para as práticas corporais e esportivas, sobretudo quando se referem às questões de gênero, sexualidade e suas interseccionalidades, objetivando investigar percepções e significados atribuídos aos debates de gênero e sexualidade por acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Educação Física, constatou-se que apesar de algumas confusões quanto a nomenclaturas e significados específicos, de forma geral, os alunos têm compreendido a perspectiva fluida e diversa que essa temática carrega consigo. Ao mesmo tempo, ainda se percebe certa insegurança ao pensar como podem contribuir para traduzir a importância do respeito às diferenças em suas aulas. Eles se mostram muito focados na teoria e ainda não conseguem pensar em formas de transgredí-la para atividades práticas.

Por isso, sugere-se para estudos futuros, pesquisa que verce sobre a perspectiva de professores que já estão atuando, investigando se e como eles têm abordado o tema gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física. Essa investigação poderia ser realizada através de pesquisa de campo que permita observação das aulas e entrevistas que provoquem os professores a exporem suas opiniões. Por fim, comenta-se como principal dificuldade convencer os alunos a participarem do estudo, não nos se arrisca a atribuir significados a isso, mas acredita-se que se no período da pesquisa estivessem sendo lecionadas disciplinas referentes à temática no curso, os alunos provavelmente estariam mais envolvidos com o tema e provavelmente tivessem se dedicado a participar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Samara Moura Barreto de; SABÓIA, Wilson Nóbrega; NOBREGA-THERRIEN, Silvia Maria. Formação docente em Educação Física: perspectivas de uma racionalidade pedagógica do corpo em movimento. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 12, p. 191-206 set./out. 2019.

ALVES, Rita de Cássia Dias Pereira; SILVA, Elder Luan dos Santos. Universidade, gênero e sexualidade: experiências curriculares e formativas de estudantes não heterossexuais na UFRB. **GÊNERO**. Niterói, v.17, n.1, p. 83 - 98, 2º.sem. 2016.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 176 p.

ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho de; DEVIDE, Fabiano Pries. “Gênero” e “Sexualidade” na formação em educação física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, v.15, n.1, p.25-41, JAN-Jul/2019.

BARRETO, Pollyana Mergulhão; MODESTO, Barreto Victoria Oliveira; REZENDE, Karen Cristina. O (DES)AVANÇO NEOLIBERAL DA BNCC E A EDUCAÇÃO FÍSICA Uma educação para o mercado de trabalho. **Revista Fluminense de Educação Física**, Edição Especial, setembro 2021.

BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**. Publicação de: Academia Brasileira de Neurologia - ABNEURO.52 (1) • Mar 1994.

CECCARELLI, Paulo RobertoSexualidade e preconceito. **Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental** [online]. 2000, v. 3, n. 3 [Acessado 28 Julho 2022] , pp. 18-37. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714200003003>>. ISSN 1984-0381.
<https://doi.org/10.1590/1415-4714200003003>.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é sinal de violência. **Educar em Revista**, n. 39, 2011.

DUARTE, Gustavo de Oliveira; CASTRO, Felipe Barroso de; NASCIMENTO, Thaiane Bonaldo do. Gênero, sexualidade e formação em Educação Física: percepções de professores e alunos em um projeto na escola. **Educación Física y Ciencia**, vol. 23, núm. 1, e161, 2021. Universidad Nacional de La Plata.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, v.3, p. 49, 2013.

FRANCO-ASSIS, Greice Ayra; SOUZA, Ediane Eduão Ferreira de; BARBOSA, Adriana Gonçalves. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.2, p.13662-13680 feb. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: _____. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. São Paulo: Vozes, 1997, p.14-36.

MENDES, Wallace Góes; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(5):1709-1722, 2020.

NASCIMENTO, Aldaberon Vieira do. Gênero e sexualidade na escola: uma pauta urgente. **V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. 06 a 08 de set./2017.

NIELSSON, Joice Graciele; BRONZATTO, Bruna Schmidt. Gênero, Sexualidade e Diversidade: Desafios imprescindíveis no contexto escolar. **V Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia**. 2017.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Sexualidade**. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_2. Acesso em: 15 fev. 2024.

OLIVEIRA, Luciana Garagnani; URBAN, Ana Claudia. **Gênero e sexualidade na escola: uma abordagem sobre a complexidade na prática pedagógica para professores do ensino médio**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018. V.1

POLONI, Luiz Henrique; FURLAN, Cássia Cristina. Educação Física escolar e as questões de gênero: a prática pedagógica em foco. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 34, n. 65, p. 01-22, 2022.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, Jan./Abr. 2016.

RIBEIRO, Danielle Salvador; NARDES, Cesar Augusto Cardoso; COSTA, Roberto Rocha. Como a desigualdade de gênero influencia as aulas de Educação Física? **Revista Eletrônica de Ciências Humanas**. v. 04, n. 0, p 1-10. 2021.

SCHINDHELM, Virginia Georg. Gênero, sexualidades e os desafios para educadore(a)s infantis. **Interritórios | Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco**, Caruaru, BRASIL | V.6 N.10. 2020.

SOUZA, Bruno Barbosa de. MEGLHORATTI, Fernanda Aparecida. Uma reflexão a respeito dos conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e identidade afetivo-sexual. **V SIES - Simpósio Internacional em Educação Sexual** - Universidade Estadual de Maringá. Abr. 2017.

SOUZA, Lucivaldo da Trindade; SILVA, Lucivânia Santana da; SANTOS, Paulo César Romero dos; NASCIMENTO, Washington Santos do; OLIVEIRA, Cleiton Antonio de. Temas contemporâneos transversais: gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física. **RUNA - Repositório Universitário da Ânima**. Dez/2021.

STELLMANN, Renata. **A masculinidade na clínica** / Renata Stellmann; orientadora: Andréa Seixas Magalhães. – 2007. 250 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.